

Edição Maio | 2010



Sem planetário nos 50 anos

Governo do
Distrito Federal
combate a H1N1

pág. 03

Cenário de
rock
independente
de Brasília

pág. 07

Vaidade ou
necessidade?

pág. 06

Software
desenvolvido
pela UnB
auxilia surdos

pág. 08

EDUCAÇÃO

Banda larga para educação

Programa nas escolas prevê a conexão de todas as 56.685 escolas públicas urbanas até o final de 2010

Por Sara Scaringi
sarascaringi@gmail.com



Sara Scaringi

Laboratório de informática dos alunos do Setor Leste.

Foi no dia 4 de fevereiro de 2009, uma quarta-feira pela tarde, que a professora de física e coordenadora dos laboratórios de informática, Maria Inês Perilo Paganini, recebeu na escola dez computadores do programa Banda Larga nas Escolas (PBLE), cedidos pelo Ministério da Educação. Até então, o laboratório dos dois mil alunos do Centro de Ensino Setor Leste era preenchido com máquinas doadas pela Associação de Pais, Alunos e Mestres (APEM).

Resultado de uma parceria entre os ministérios da Educação, das Comunicações, do Planejamento, Orçamento e

Gestão, da Casa Civil da Presidência da República e da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), desde que foi lançado em abril de 2008, o programa Banda Larga nas Escolas já foi instalado em 24.182 mil escolas públicas, beneficiando cerca de 20 milhões de alunos em todo o país. A previsão é de que o programa permitirá a instalação da banda larga em aproximadamente 56 mil escolas públicas urbanas, com mais de 50 alunos, até o final de 2010.

O serviço atenderá 37,1 milhões de estudantes da educação básica (86% do total) ao longo de três anos. Esse projeto

é resultado de quase um ano de negociações com empresas de telefonia. Além disso, as empresas conectarão as escolas públicas às redes de internet gratuitamente por 18 anos, incluindo novas escolas abertas nesse período.

A instalação do programa foi dividida em três partes. A primeira é a instalação dos laboratórios de informática nas escolas. A segunda é a conexão de internet em banda larga, que as operadoras levarão gratuitamente às escolas até 2025. A terceira frente do programa Banda Larga nas Escolas é a capacitação dos professores, para isso, serão oferecidos cursos à distância, que serão acompanhados pela Secretaria de Educação a Distância do MEC.

As operadoras de telecomunicações - Telefônica, Oi e Sercomtel - instalam a conexão em alta velocidade (um megabit de download) e oferecem a ampliação periódica dessa velocidade para manter a qualidade e a atualidade do serviço de banda larga durante a vigência da oferta, até 2025. O programa Banda Larga nas Escolas faz parte da política de informatização das escolas brasileiras, que reúne

iniciativas como a de instalar computadores nas escolas, a capacitação de professores e a oferta de conteúdos educacionais.

De acordo com a professora Maria Inês, o programa veio para estimular os alunos a usarem a tecnologia a favor do conhecimento. “Com a banda larga e os computadores, os alunos ficaram mais em-
polgados a fazer pesquisas e estudar”, completa.

Apesar de trazer benefícios para educação, Marco Aurélio, diretor do Centro de Ensino Médio Elefante Branco, teve alguns problemas com o sistema implantado. “O

*“Com a banda larga e os computadores, os alunos ficaram mais em-
polgados a fazer pesquisas e estudar.”*

Maria Inês

CEMEB recebeu o programa há alguns anos, logo que foi implantado, não recordo a data. O nosso colégio só tem que alegrar-se, pois a inclusão digital é um pré-requisito fundamental para nossa evolução. Nosso único problema é a saída do ar, que acontece quase sempre”, diz. As máquinas entregues pelo governo não apresentaram nenhum problema, mas, quanto ao sistema, ele garante que ainda não atenderam às suas reclamações. ■



Reitor

Getúlio Américo Moreira Lopes

Vice-Reitor

Edevaldo Alves da Silva

Pró-Reitora Acadêmica

Elizabeth Manzur

Pró-Reitor Administrativo e Financeiro

Edson Alves da Silva

Secretário-Geral

Maurício de Sousa Neves Filho

Diretor Acadêmico

Carlos Alberto da Cruz

Diretor Administrativo e Financeiro

Geraldo Jorge Batista Rabelo

Diretor da FATECS

José Pereira da Luz Filho

Coordenador de Comunicação Social

Henrique Moreira

Professor Responsável

Renato Ferraz

Supervisor Técnico

André Ramos

Editora-chefe

Susane Tavares

Editora de Arte

Juliana Morgado

Editor de Fotografia

Davi Boaventura



Equipe

Marília Oliveira Jennifer Pradera

Sara Scaringi Fernanda Mariah

Bibiana Rockstroh Jéssica Raphaela

David Fonseca Daniela Graziani

Leniane Alves Ana Luiza Lugão

Danielle Baeza

Colaboração

Alexandre Ribeiro

Gabriel Breda

As matérias publicadas neste número foram integralmente produzidas pelos alunos do 6º semestre de Jornalismo - matutino.

A falta que faz uma escola

Qualidade da rede de ensino público em Águas Claras tem afetado a vida dos trabalhadores, que levam os filhos para Taguatinga

Bibiana Rockstroh



Por Bibiana Rockstroh
bibirockstroh@gmail.com

A falta de rede de ensino tem dificultado a vida das pessoas que trabalham em Águas Claras. Empregadas domésticas, comerciantes e pedreiros ficam sujeitos a violência por deixarem os filhos em escolas distantes do local de trabalho. Iranildes Pereira da Silva, 35, empregada doméstica há seis anos, afirma ter dificuldades ao deixar e buscar os filhos no colégio. “Isso atrapalha muito a minha vida. Toda hora penso que pode acontecer alguma coisa com eles, mas eu não posso fazer muita coisa, porque estou trabalhando”, diz a trabalhadora, que não sossega ao pensar que essas dificuldades atrapalham o desenvolvimento escolar dos filhos.

“Eu procuro colocar meus filhos em uma boa escola para que eles possam ter um futuro melhor”, assim pensa Antonio Silva, 40. Porteiro há cinco anos, não tem condições de pagar colégio particular para os dois filhos, de 10 e 13 anos. “A escola que consegui matricular eles é distante da minha casa. Para levar e pegar é muito difícil. Tenho que fazer uma volta grande”, completou. Afirmou, ainda, que se tivesse uma rede de ensino na cidade

satélite seria mais fácil e seguro para ele e os filhos.

Há sete meses no cargo, Athayde Passos garante a construção de instituição de ensino. “Vamos ter, pelo menos, duas escolas públicas e um centro de ensino. Essa é a ideia. Tem demanda para Águas Claras, mas o censo vai dizer melhor”, assegura o administrador. Mas a gerente de planejamento educacional, Ivani Santos da Silva, afirma não ter muita procura. “Águas Claras não tem demanda, segundo a matrícula de 2010. A criação de uma escola precisa de muita demanda” garante a professora, contradizendo o que Passos disse. Ivani Santos continua a dizer que dentro do relatório da cidade satélite não há pleito que justifique a criação de uma escola. “Não há demanda reprimida, pelo menos que tenha chegado ao nosso conhecimento”, contesta Ivani. Rebatendo a afirmação da professora, o administrador alega que há procura pela educação e existe área. “Agora é necessário fazer o planejamento para construir o centro de ensino, assim como por em prática a criação de posto de saúde e corpos de bombeiros”,

conclui.

Com o crescimento do comércio e a edificação, Águas Claras têm atraído trabalhadores de várias regiões do Distrito Federal, como Santa Maria, Samambaia, Ceilândia, entre outras. Ao parecer do administrador, a escola não seria apenas para as pessoas que trabalham na região, mas para as que moram. Para isso pretende inserir cursos de base à noite e creche.

A administração pretende iniciar as obras no segundo semestre do ano que vem, mas para isso todas as licitações de inclusão da rede de ensino precisam estar autorizadas. Para Athayde Passo é preciso entender o espaço da cidade para criar projetos de melhoria para região.

Quando as cidades são delineadas, partes dos lotes são destinadas a áreas públicas. Ao contrário do que era para ser, o projeto de construção de escolas não saiu do papel. “Foi enviado um documento para a Terracap solicitando a autorização do lote. Agora estou aguardando a confirmação”, diz Athayde, sem explicar o motivo do atraso.

Procedimento

Para dar início ao projeto, o administrador, jun to a Secretaria de Educação, vai solicitar a transferência do domínio do lote à Terracap acoplado ao Setor de Planejamento de Patrimônio do GDF. Após a confirmação, em parceria com a Codeplan, a administração vai dar abertura ao censo, em que abordará as questões familiares e faixa etária para dar continuidade ao processo de inserção de escola pública na região administrativa. Posterior a avaliação de todos os dados recolhidos pelo censo, os papéis para a entrada serão enviados a Secretaria de Educação para serem avaliados. A previsão para o término do levantamento é final de abril. Conforme Passos, uma vez ter certeza da liberação desses terrenos, o próximo etapa é conversar com a SE para estabelecer formas para atrair essa situação, de maneira que essas providências sejam tomadas. “A administração está tomando todas as providências para que a escola comece a ser construída no prazo. Tem que juntar a fome com a vontade de comer”, conclui Athayde Passo. ■

A campanha continua

O Distrito Federal vem mantendo suas expectativas na luta contra a H1N1, evitando assim uma possível epidemia

Por Leniane Alves
leniane22@gmail.com

O Ministério da Saúde cedeu 94 salas de vacinação na rede pública de saúde do DF. Ana Maria Rocha, chefe do Núcleo de Imunização da Secretaria de Saúde do Distrito Federal, afirmou que os postos do DF estão preparados para atender a todos, que não faltarão vacinas caso as etapas do cronograma sejam seguidas.

Quanto a eventos para agilização da vacinação em pessoas de 20 a 29 anos, o Núcleo de Imunização da Secretaria de Saúde está programando o sábado de 10/04, para atendimento especial, onde os postos funcionarão das 8 às 17 horas, já que acreditam que a demanda será grande.

Devemos reforçar os cuidados na prevenção, que as pessoas andam esquecidas, como lavar as mãos com frequência, cobrir a boca e o nariz ao espirrar, usar lenços descartáveis, evitar lugares aglomerados. Como o número de casos veio diminuindo, as pesso-

as se esqueceram dos cuidados, mas devem se lembrar que o vírus continua circulando, por isso os cuidados devem ser mantidos. “Ainda estamos vivendo uma pandemia, não podemos dizer que já saímos dela, ela ainda está presente em boa parte do mundo, inclusive aqui no DF. Já passamos pela primeira onda, onde tem o pico máximo, e que já reduziu bastante. Mas vem aí o inverno, onde podemos esperar uma segunda onda, que se for igual ao do hemisfério norte, essa será mais leve”, explicou Ana Maria.

A chefe do Núcleo de Imunização ainda ressalta o fato da vacina não ser recomendada a pessoas que têm alergia a ovo e pessoas que já desenvolveram a Síndrome de Guillian-Barre – que ocasiona paralisia motora, o que pode provocar falta de ar. Ela também informa que podemos tomar duas vacinas de uma vez, desde que a musculatura usada seja diferente.

Devemos mencionar que possíveis malefícios a respeito da vacina espalhados na internet não têm valor real e que a quantidade de mercúrio presente na fórmula é quase irrisório. Também não será vacinado quem tem entre 2 e 19 anos e entre 40 e 59 anos que não tenha doença crônica.

Para quem tem interesse em se vacinar contra a Influenza A (H1N1) na rede privada do DF, muita calma, por enquanto a vacina está restrita a centros de São Paulo, Curitiba, Rio de Janeiro e Ceará, o valor da dose está custando em média de R\$ 50 a R\$60.

HEPATITE B

Outro problema presente no quadro de imunização do DF é a Hepatite B, onde de acordo com a chefe do Núcleo de Hepatites Virais do Distrito Federal, Sônia Girardi, cerca de 100 pessoas contraíram o vírus

entre o ano de 2009 e 10 março de 2010. Para controlar tal fato, 94 salas de vacinação do DF, receberam doses extras para imunização da hepatite B. Devem-se vacinar pessoas de 1 a 20 anos, doadores de sangue, portadores de doenças sexualmente transmissíveis, gestantes, vítimas de abuso sexual, caminhoneiros, doadores de sangue, manicures e pedicuras, profissionais de saúde, homossexuais e hemofílicos. Sua forma de transmissão é pelo sangue, esperma e secreção vaginal.

Perguntada sobre as doses vacinais distribuídas anualmente no DF, Ana Maria Rocha, que assumiu o cargo há 1 ano e meio declarou que: “é muito raro faltar vacinas no DF, pode atrasar um pouco a entrega, mas é raríssimo faltar. Já aconteceu no ano passado (2009), de faltar uma vacina especial, mas foi por causa do laboratório que não produziu a quantidade suficiente”. ■

CIDADE

A odisseia do planetário



Reforma do planetário pode demorar

Fotos por: Daniela Graziani

Brasília comemorou 50 anos em 2010 e reforma não ficou pronta a tempo

Por Daniela Graziani
danygraziani@gmail.com

O céu de Brasília é conhecido por sua beleza. Um azul sem manchas ou o vermelho do pôr-do-sol do cerrado. Entretanto, os mais exigentes, que gostam de ver além e desfrutar da visão do espaço estão frustrados desde 1997, quando o Planetário de Brasília fechou as portas e deixou a população mais carente de ciência.

Brasília comemorou 50 anos em 2010, e o histórico de reformas fracassadas tornou mais fácil acreditar na comemoração dos 13 anos sem planetário. Em março de 1974, ele foi inaugurado e, em 2008, deveria ter sido reaberto. A reportagem visitou o local e, segundo os trabalhadores, não seria possível visitar o espaço sideral sem sair do chão até o aniversário de Brasília. A previsão é de que a reforma fique pronta em junho ou julho. Entretanto, informações colhidas junto ao Subsecretário de Ciência e Tecnologia do Distrito Federal, Sr. Silvio Sacata, a conclusão da obra estava prevista para ocorrer no cinquentenário da cidade, ou seja, em 21 de abril desse ano.

O projeto inicial do planetário do arquiteto Sérgio Bernardes tinha a idéia de juntar céu e mar. O pavimento superior do local ocuparia 16 aquários e no térreo ficaria a sala de projeção, direcionado ao céu. Os aquários não saíram do papel e em 30 dias após a inauguração, o local já é fechado por estar inacabado. A reabertura do planetário acontece em agosto de 1975, mas os problemas estruturais persistem. O prédio segue aberto até ser fechado novamente em 1979. Finalmente, em 1980 o local volta a funcionar e

a fascinar as crianças. Poucas pessoas tiveram a oportunidade de conhecer o prédio com tantas tentativas de reformas e reaberturas. Mas, para aqueles que puderam sentar numa das 140 cadeiras da sala de projeção, a experiência foi inesquecível. Tiago Afonso é concursado e lembra bem da diversão que era olhar para o teto e ter a sensação de que estava mesmo no espaço: “Parecia que dava para tocar os planetas”, lembra um adulto meio frustrado com a história do planetário.

Diante das complicações estruturais de má conservação do patrimônio, o governo federal, em 2004, por meio do Ministério da Ciência e Tecnologia, mostrou-se disposto a ajudar Brasília. Na época, o governador do Distrito Federal, Joaquim Roriz,

juntamente com o secretário da Ciência e Tecnologia, Izalci Lucas, assinaram um convênio com o Ministério. A proposta era receber R\$ 700 mil do governo federal para a compra de equipamentos, elaboração do projeto e contratação de pessoas qualificadas para o serviço. Em troca, o GDF deveria reformar o local, avaliado em R\$ 2,5 milhões. O dinheiro saiu conforme o prometido, mas a reforma nunca aconteceu. Em, 2005, Izalci voltou a considerar o projeto e houve nova tentativa de reparação. Entretanto, dessa vez, novas necessidades apareceram e o secretário de obras da época, Mário Machado, precisou do cálculo estrutural do prédio. O cálculo não foi encontrado nos arquivos do governo e tornou-se outro obstáculo que exigiu mais tempo e dinheiro.

Hoje, a restauração é avaliada em R\$ 6 milhões, segundo Silvio Sacata. A demora ultrapassou o prazo dado ao GDF pelo Ministério da Ciência e Tecnologia e a prestação de contas precisa ser rediscutida. A reforma está em andamento. O local possui um novo projeto e os trabalhadores são coordenados pelo mestre de obras Caryl Chessman. Se-



Custo da obra estimado em R\$ 6 milhões



Parte interna do planetário em reforma.

gundo ele, o novo planetário será bem melhor que o original. Não contará com os aquários, mas prevê um amplo espaço para exposições, biblioteca e terminais de acesso à internet. Outra informação importante dada pelo mestre é sobre a condição de patrimônio do lugar. Tal fato exclui a possibilidade de reconstrução total de um novo planetário: “Não podemos reconstruir algo novo aqui, apenas mexer no que já temos, só reformar”.

Ainda há a necessidade em ampliar a área científica da capital. Mas resta a esperança da obra ser finalmente concluída este ano e dar um final feliz ao gráfico que retrata os altos e baixos da história do planetário de Brasília. ■

Dignidade em quatro rodas

Brasília, capital do país, conta apenas com duas auto-escolas para deficientes físicos

Por David Fonseca
davidjuniorj@gmail.com

No Brasil, aproximadamente 15% da população tem algum tipo de deficiência física, segundo o IBGE. Dentro desse número, menor ainda são aqueles que têm o poder aquisitivo para ir a uma auto-escola e depois comprar um carro com todas as adaptações necessárias. Muitos mal saem de casa com ajuda de alguém para empurrar a cadeira de rodas. Acabam não conseguindo enxergar uma possibilidade de recuperação.

Deficiência física não é sinônimo de limitação, nem mesmo de comodidade. Este é o pensamento de muitos brasileiros que se deparam com um obstáculo no meio do caminho, mas não deixam de romper as barreiras e ir em busca do ideal e [re]conquistar a independência, uma delas a Carteira de Nacional Habilitação (CNH).

Para tirar habilitação no Distrito Federal, primeiramente, é preciso passar por uma banca especial no Departamento Estadual de Trânsito (DETRAN). Onde terá uma junta especializada que vão analisar o tipo de deficiência e adaptação que a pessoa precisa. Após este processo, começam as aulas teóricas e em seguida a prova escrita. Se for aprovado nessas etapas, a pessoa deve ir à auto-escola onde começam as aulas práticas. Apenas duas auto-escolas em Brasília oferecem serviços a deficientes físicos, e por ser pouca a oferta e muita a procura, o preço é de R\$ 1642,50 mais a taxa do laudo do DETRAN, comparando que um processo convencional sai em média de R\$ 650 para quem vai tirar a CNH. Por isso, muitas vezes, alguns optam por não ir à auto-

David Fonseca



Lucimar Malaquias deficiente físico, tem seu carro adaptado.

*“Não tenho
dificuldade de dirigir.
A adaptação
dificilmente dá
problemas.”*

Lucimar Malaquias

escola e fazer clandestinamente todo o serviço, tal como a adaptação.

Hoje, para um deficiente comprar um carro, ele precisa levar um laudo à Receita Federal alegando a deficiência. Se comprovada, ganhará 30% de desconto no valor do automóvel e terá as taxas de impostos isentas, tais como IPVA, IPI, ICMS entre outros.

Ao comprar o automóvel, a auto-escola já escolhe qual tem a maior quantidade de adaptações, direção hidráulica ao câmbio automático. Cleidiane Brasil, gerente da Auto-escola Primo, explica: “O restante das adaptações é uma pes-

soa que faz o serviço particular, transportar as setas da direita para esquerda, trocar os pedais do acelerador, subir o freio. Nós fazemos por mês cerca de 30 matrículas”.

Lucimar Malaquias, deficiente físico e presidente da Comissão Jovem Gente Como a Gente, comprou um carro normalmente numa concessionária, depois adquiriu a mecânica de fabricação pronta direta do Rio Grande do Sul. O custo foi de R\$ 1,5 mil e foi colocada numa oficina de Planaltina-DF. Perguntado se já teve problemas ou dificuldades ele responde: “Não tenho e nunca tive dificuldade de dirigir. A adaptação dificilmente dá problema”.

Nos carros adaptados é obrigatório o uso do adesivo identificando que naquele carro há uma pessoa com necessidades especiais. Com ele é possível estacionar em vagas exclusivas.

Atualmente os carros adaptados contam com uma tecnologia de ponta, capaz de trazer ao deficiente uma realidade de um motorista comum. Já é possível transportar a direção para os pés para aqueles que não têm braços ou subir todos os comandos para o painel para aqueles que sofrem de paraplegia (tem apenas o movimento dos membros superiores), e quem sabe num futuro próximo um carro que obedeça ao comando de voz, para tetraplégicos (tem apenas o movimento do pescoço).

Para mais informações ou dúvidas sobre como é o processo para tirar CNH para pessoas especiais ligue nas duas auto-escolas que disponibilizam o serviço, são elas Auto-escola Primo (61) 3327-2599 e a Auto-escola Logus (61) 3223-2029 e/ou procure o DETRAN mais próximo. ■

David Fonseca



A adaptação foi feita para os pedais e o acelerador.

SAÚDE

A população x a dengue

As ações na luta contra a proliferação da doença se intensificam no DF



Por Marília Oliveira
lylaholiveira@gmail.com

Brasília enfrenta a maior epidemia de dengue dos últimos oito anos. Casos confirmados da doença já superam em 1503,3% entre janeiro e março se comparado com o mesmo período do ano passado. Os casos suspeitos já ultrapassam os quatro mil. Vila Planalto e Itapoã são as regiões onde houve o maior registro de pessoas infectadas. Em 2002, foram constatados em torno de mil ocorrências no ano inteiro, mas não chegou a se concretizar epidemia, porque foi um surto local, em São Sebastião, sem chegar a se expandir nas demais regiões do DF. Nas primeiras 10 semanas de 2010 já foram confirmadas quase duas mil pessoas afetadas pela doença em todo o Distrito Federal, não se fixando só em uma região, como ocorreu em 2002.

Campanhas estão sendo realizadas por todo o DF, para conscientizar a população de que dengue é uma doença que mata, mas mesmo assim ainda existe aquele que não cuida da própria casa, por acreditar que não vai acontecer com ele, só com o vizinho. “Ah! Pra que eu vou cuidar da minha casa se bem na frente tem um terreno abandonado cheio de lixo que acumula muita água parada? O mosquito pode não vir da minha casa, mas sim desse terreno, não adianta nada cuidar, se os donos desse terreno não aparecerem e fizerem um limpa no terreno”, diz Ariovaldo Cruz, morador da Estrutural. Mas existe também aquele cidadão que tem consciência de que precisa cuidar do seu terreno para não ser picado pelo mosquito. “Na minha rua tem a obra de um prédio, que mesmo estando em andamento, os

buracos que ficam servem de criadouro para o mosquito da dengue. É preciso ter consciência de que a dengue mata. Eu quase perdi um parente por causa da dengue, e passei a ter mais cuidado com a minha casa depois disso”, relata Marta Oliveira, moradora do Gama.

A Subsecretaria de Vigilância à Saúde reconhece que a quantidade de agentes ainda é pequena para percorrer as casas, informando sobre a doença, a proliferação e combate às larvas do mosquito Aedes Aegypti (transmissor da doença), mas o apoio de toda população também ajuda na luta contra o alastramento da enfermidade. “Eu faço a minha parte, cuidando da minha casa, mas não adianta de muita coisa, porque o vizi-nho não cuida da dele. Ele deixa garrafas pet no quintal, tem um monte de plantas em vasos, e quando chove acumula muita água”, diz Ildenice Lopes, moradora do condomínio Fazendinha, no Itapoã.

Segundo Aílton da Silva, assessor da Subsecretaria da Vigilância à Saúde, especialista em saúde coletiva, dentre outros motivos que podem ser usados para explicar o porquê dessa epidemia, o fator econômico da população tem contribuído muito para o aumento dos criadouros das larvas do mosquito. “Hoje como a condição econômica das pessoas melhorou, elas automaticamente conseguem consumir mais, produzir mais lixo, assim como comprar seu veículo. E aí existe outro problema: os pneumáticos. Joga-se em qualquer lugar e aí também gera-se criadouros”, ressalta.

O lixo a céu aberto na Estrutural é o maior exemplo. Pneus, latas, garrafas pet e outros objetos que não se aproveitam para a reciclagem acumulam água parada e servem de local para que o mosquito se reproduza e ameace as pessoas da região. Sem contar os imóveis fechados, as obras e tantos outros fatores que tornam possíveis o surgimento de novos criadouros.

Grupos estão se reunindo para a formação de forças tarefas, para que haja a conscientização da sociedade e juntos possam prevenir o aparecimento de novos focos. Hoje, já é possível contar com as equipes das Forças Armadas, da SLU (Serviço de Limpeza Urbana) e do Corpo de Bombeiros. A Força Jovem Brasil, ligada à Igreja Universal, ofereceu um grupo de aproximadamente mil jovens voluntários, que recebeu um treinamento para ajudar no combate às larvas do mosquito.

As campanhas estão em todos os lugares, tanto na televisão quanto no rádio, jornais, escolas e ruas, com a distribuição de panfletos informando como se prevenir da dengue. Os agentes entram em campo na luta contra a propagação da doença, como aconteceu no Itapoã, quando vinte e cinco equipes percorreram bairros da cidade ensinando, informando e tratando possíveis focos.

De todas as regiões administrativas do DF, as que mais apresentaram casos da doença, até o momento, foram Asa Norte (o que inclui a Vila Planalto responsável por 428, dos 441 casos confirmados), Planaltina com 249 casos, Itapoã com 182 e São Sebastião com 84. Nesses lugares as ações das forças tarefa foram intensificadas.

Há aqueles que dizem que é dever do governo fiscalizar e informar sobre as formas de tratamento e combate: “O governo diz que a gente tem que cuidar da nossa casa, mas cadê que eles fazem a parte deles? Na minha rua mesmo nunca passou um daqueles carros que soltam inseticida, ou alguém pra dizer o que a gente tem que fazer, como se prevenir da dengue”, disse Francisca Fé, moradora de Planaltina – DF.

E nesse conflito de opiniões, com o governo dizendo que a população devia se esforçar mais para ajudar no combate à dengue, sociedade dizendo que o governo deveria reforçar os trabalhos para ajudar na luta contra a proliferação da doença, não se descobre quem realmente é o culpado. Enquanto isso o número de pessoas infectadas vai crescendo, a quantidade de criadouros de larvas também, e as decisões e ações tomadas atingido um resultado baixo “Já se sabe que a sociedade, trabalhos científicos já mostraram isso, que a sociedade sabe sim como prevenir a dengue, o que tem que se fazer para prevenir a dengue, só que do saber à prática ainda há uma distância muito grande”, destaca Aílton. ■

Caso	Período		Variação (%)
	Janeiro a Março/2009	Janeiro a Março /2010 (*)	
Notificado	520	3681	607,9
Confirmado	111	1541	1288,3
Autóctone	48	1263	2531,3
Importado	63	278	341,3

Fonte: SinanNet/NEDTE/GEDCAT/DIVEPISVS/SES-DF
*Dados atualizados até 10ª semana de início dos sintomas

Vaidade ou opção sexual?

Os homens metrossexuais aderiram a essa moda, mas será quer é visto com bons olhos?

Por Jennifer Pradera
jenniferpradera@gmail.com

Metrossexual é um termo muito conhecido entre os homens e usado diariamente por aqueles que não se intimidam em mostrar seu lado feminino.

A palavra metrossexual foi originada no final dos anos 90 e usada pela primeira vez em 1994 pelo jornalista britânico Mark Simpson, que é a junção de me-tropolitano e heterossexual, uma gíria usada para um homem urbano que dá excessiva ênfase à estética pessoal.

Mas já imaginou dividir uma clínica de estética com o seu namorado? Ou, ao chegar nesses lugares, se deparar com homens fazendo os mesmos tratamentos e desfrutando dos mesmos serviços que você? Aí está a dúvida. As mulheres preferem os mais rústicos ou gostam dos homens que se cuidam mais?

Sonia Virgínia, dona de casa, 40, diz que algumas mulheres sentem que estão ficando para trás, ela não gosta da ideia de um homem competindo

como centro das atenções e indaga: “Não me importo de o homem ser vaidoso, se arrumar, fazer a barba e passar um perfume. Que faça pelo menos o básico. Mas depilar, fazer a sombrancelha para mim já é de mais. O homem e a mulher não podem ficar competindo um com o outro. Depois de um tempo ninguém vai saber quem é o homem é a mulher da relação”.

A arquiteta Jéssica Ribeiro, 24, diz que gosta não gosta tanto de homens vaidosos. “Não gosto de homens que se preocupam com a aparência mais do que eu mesma, dá a impressão de que eu sou obrigada a cuidar mais de mim”, diz. “Acho horrível quando vejo um cara com luzes, por exemplo. E não gosto muito de depilação. A não ser o Tony Ramos. Ele precisa, senão, não vejo necessidade”, afirma.

O mundo mudou muito, diz Berenice Oliveira, 46, funcionária do salão Sarrw’s Cabeleleira. “Vejo homens todos os dias no salão e eles fazem coisas absurdas como a sobrancelha e depilação. Adoro cheiro de homem rústico e acho lindo os que têm cabelo grisalho e peito peludo”, relata.

Apesar de gostar de homens vaidosos, Thais Duarte, funcionária do 100Pelo, na 203 Norte, condena os exageros. “Cada homem tem a sua

vaidade. Acho legal os que se cuidam, se preocupam com a sua aparência, mas lógico sem exageros.” E indaga: “Fico perplexa como ainda existe preconceito com relação à vaidade dos homens. Tem um cliente nosso que pediu para fazermos uma porta clandestina para ele não precisar passar pela recepção, por causa do preconceito dos homens que acham que ele tem dúvida sobre a sua opção sexual. O mundo mudou, as mulheres têm preferência aos homens que se preocupam com a aparência, e é claro, ao homem pelado, e isso não quer dizer que eles são gays.”

A vaidade não é pecado e muitas vezes esquecemos que vivemos em um mundo machista, mas mulheres já aderiram à moda dos homens sem pelos e eles estão tentando vencer essa barreira. Quem não liga muito para esse problema e não sente essa discriminação é o empresário de 40 anos Jesse James. Ele diz que todos os homens devem se cuidar, porque as mulheres estão se cuidando cada vez mais, e com isso não podem deixar a vaidade de lado. Ele relata que conhece vários homens que depilam peito, perna e ate a virilha, apesar de achar que não

precisam chegar a esse ponto. “Precisamos nos preocupar com nós mesmo, e não ligo com o que os outros pensam. Acho engraçado quando os meus amigos fazem piadas, mas não ligo.”

Ao contrário de Jesse, o publicitário Eduardo Fonseca, 35, sente essa discriminação. “Muitos na comunidade confundem metrossexual com opção sexual. Quando vou ao salão, sou muitas vezes julgado como homossexual, não que um homossexual não possa ser um metrossexual, porém, todos devem ser respeitados pelas suas opções sexuais e seus estilos de vida, mas nunca discriminados”. ■



Julho não se importa com o preconceito.

Juventude de Brasília se organiza para promover o cenário cultural da cidade

Fotos por: Jéssica Raphaela

A banda Móveis Coloniais de Acajú acredita na autogestão como forma de independência.



Capital da música independente

Por Jéssica Raphaela
jraphaela@gmail.com

Amigos, instrumentos e criatividade parecem ser suficientes para formar uma banda de rock. Principalmente em Brasília, onde, na década de 1980, shows eram feitos a céu aberto em qualquer lugar da cidade, por pura diversão. A nova geração contesta o rótulo. A cidade já não é mais tão aberta ao estilo de música. Para conseguir vencer as dificuldades e promover o cenário cultural, bandas locais se organizam.

Debates no Museu Nacional da República, comunidades na internet, conversas informais entre amigos. Seja como for, o cenário musical independente da cidade está sendo discutido. Bandas se reúnem, mas não se ouve guitarras, baixos, nem baterias. Ouvem-se ideias.

O principal organizador de tais discussões é o Circuito Fora do Eixo, formado por diversos coletivos culturais. É uma espécie de cooperativa de bandas de rock. Os artistas não tocam apenas, também produzem e são responsáveis por todo processo de divulgação. Daí vem o lema “faça você mesmo”.

Uma banda ajuda, divulga e produz o show da outra. A ideia é dar oportunidade aos músicos que estão fora do eixo Rio-São Paulo. Aqui em Brasília, já são quatro coletivos: Esquina (Plano Piloto), Cutcha (Taguatinga), e os recém-nascidos Escape (voltado para o hardcore) e Insônia (Samambaia).

“Ninguém mais espera ficar famoso, tocar

nas rádios e aparecer na TV. O que as bandas querem é ser reconhecidas e poder sobreviver da música”, afirma Jacque Bittencourt, uma das integrantes do Coletivo Esquina.

Sobreviver da música já é um dos objetivos alcançados pelo pessoal da banda brasileira Móveis Coloniais de Acajú. Depois de 10 anos de existência e insistência, os integrantes se sustentam com a verba arrecadada pelo grupo.

A ideia é basicamente a mesma dos coletivos. Eles compõem, tocam, gravam, produzem, promovem, editam e por aí vai. “Acreditamos na autogestão”, explica Esdras Nogueira, que toca sax. É completa o companheiro de instrumento Paulo Rogério. “Para nós, isso é ser independente. É trabalhar duro por conta própria pra depois se satisfazer com o resultado”.

Criada em 1998 com uma das sonoridades mais peculiares da atual música brasileira, a banda já é uma referência cultural no país. Independentes e originais, os meninos do

Móveis usam e abusam da internet, principalmente para divulgação. A banda cresceu junto à nova mídia. Poucas combinações deram tão certo como essa. “É a forma mais eficaz de divulgar nosso trabalho. Não dependemos de grandes produtoras para obter sucesso. Basta fazermos o melhor

pra ter reconhecimento do público”, explica Paulo.

A velocidade e o acesso direto à banda tiraram o artista do pedestal. O uso de blog, Myspace, Orkut, Twitter, entre tantas outras redes sociais, é quase indispensável para quem quer levar música a sério. O pessoal dos coletivos culturais concorda. “A internet democratizou tudo. Não é preciso aparecer nas grandes mídias para obter sucesso”, acredita Jacque Bi-

ttencourt. Hoje, a TV e o rádio é que vão atrás do que repercute na rede.

Capital do rock?

Aliado à autopromoção, está a vontade de favorecer a cena cultural de Brasília. Ideia revolucionária? Nem tanto. Na década de 1980 o objetivo era o mesmo. Em 1981, Renato Russo escreveu a seguinte frase em carta aberta, revoltado com a resistência do público à música local: “Use e criem em cima das vibrações únicas da nossa cidade”. A cidade era Brasília. Quase 30 anos depois, os problemas são os mesmos.

Poucas casas de show, público escasso e falta de reconhecimento. Essas são apenas algumas das constantes reclamações de quem faz música na cidade. Para Rafael Lamin, vocalista da banda Emema Noise, Brasília não merece mais o título de capital do rock. “Não tem nada organizado aqui. Não há incentivo da cidade, do governo. Nem mesmo o público se interes-

sa”.

Os coletivos trabalham para mudar esse cenário. Para eles, não basta uma banda crescer, deve-se criar um terreno favorável para que a música da cidade tenha espaço. “A união das bandas pode propiciar esse crescimento. O objetivo é convencer as pessoas de que os grupos de Brasília são bons”, explica Nana Bittencourt, do Coletivo Esquina.

O pessoal do Móveis admira a ideia. Para eles, essa nova geração mostra que há um cenário cultural muito rico aqui. A ligação da banda com Brasília é muito grande e isso gera uma responsabilidade que também pesa sobre eles. “Gostamos quando nos associam à cidade. Queremos mostrar que Brasília não é feita de corruptos e que a cultura daqui não se restringe às bandas dos anos 80”, diz Esdras.

A ordem de Renato Russo é cumprida à risca por essa galera. O resultado de tanto esforço ainda não se sabe, mas promete ser importante para a história cultural da cidade. ■

“Use e criem em cima das vibrações únicas da nossa cidade.”

Renato Russo . 1981



Eles compõem, tocam, gravam, produzem, promovem, editam e por aí vai. “Acreditamos na autogestão”.

EDUCAÇÃO

Software auxilia surdos

Alunos com deficiência auditiva têm apoio de programa bilíngue para compreender o significado da palavra em português



Alunos surdos estudando com apoio do software bilíngue.

Por Ana Luiza Lugão
luizalugao21@gmail.com

O Software Bilíngue é um programa que ajuda a alfabetizar crianças surdas, a partir de sete anos, que estão nas séries primárias. Desenvolvido há três anos pelo psicólogo e professor do Instituto de Psicologia da UnB Domingos Coelho, o programa se encontra na página www.surdobilingue.org e é gratuito.

O professor Domingos, 50 anos, que

trabalha desde 2003 com aprendizado e memorização de pessoas surdas, conta que com o software é possível que o aluno faça associações tanto do vocábulo da língua portuguesa quanto da língua em libras. “Ele aprende a palavra, o significado dela. O programa também tem característica visual, primeiro surge a palavra escrita em português, depois em libras e, para finalizar, aparece a figura para completar a compreensão da criança”, explica.

O construtor do software admite que ele é uma versão inicial, mas que pretende com as críticas e sugestões elaborar um programa mais avançado,

que possa também ajudar adolescentes e adultos surdos. A versão 1.0 do bilíngue possui 30 aulas prontas no site, que permite a criança compreender o português. “Para os alunos surdos é muito difícil entender a escrita portuguesa, porque muitas vezes o que está escrito não existe no vocabulário dos sinais. A primeira reação deles é fugir do texto, justamente por não assimilarem o que estão lendo. O software permite a perda do medo de aprender o português, eles passam a enfrentar e entender” garante Domingos.

Segundo a professora da escola pública 214 Sul Olga Freitas, 42 anos, que trabalha há 10 anos com crianças que têm deficiência auditiva, o Bilíngue foi feito para ser uma ferramenta didática de apoio ao professor dentro da sala de aula e ao aluno em casa, já que é possível ter acesso livremente pelo site. Ela conta que o aluno surdo tem um histórico escolar pouco produtivo, repetindo séries frequentemente devido à comunicação, e o programa tem uma riqueza de imagens, inclusive em movimentos. Com isso, ele aprende a traduzir a figura na língua dele e na portuguesa. Para questões onde não há vocabulário em libras, ele tem a possibilidade de desenvolver um sinal na língua deles em consenso com os demais alunos surdos.

Olga acredita que trabalhar com o apoio do software facilita a aprendizagem e compreensão em uma série de contextos e palavras cuja criança não

conhece e encontra no dia-a-dia. “Aqui na escola 214 Sul normalmente os alunos surdos têm uma intérprete em sala de aula e também contam com a aula de recurso, que é uma espécie de reforço, onde os professores fazem uma complementação do que está em desenvolvimento em sala. Até porque o intérprete não garante que o aluno com deficiência auditiva vai entender o que está sendo discutido ali” afirma.

Ana Caroline de Araújo, 16 anos, é surda, cursa a 5ª série e acredita que a atividade com o computador na escola é importante, pois ajuda a compreender melhor português, história, geografia e até mesmo matemática. Quando ela estudava em outra instituição e não tinha o apoio do computador nas aulas, era muito difícil compreender o que estava sendo dado. Mas avalia que é preciso que os exercícios online tenham as palavras correspondentes em libras para que a compreensão seja completa. No tempo livre, Ana Caroline participa do Centro Pastoral do Surdo da Igreja Católica, que oferece assistência social para pessoas com deficiência auditiva e para os familiares.

Para o estudante da 7ª série Natanael Rocha de 14 anos, que também é surdo, o software faz a diferença no aprendizado dos deficientes auditivos, pois facilita muito a compreensão das palavras em português com a tradução em libras. Com o programa ele pôde absorver todo o conteúdo dado e se sentiu vitorioso. ■

MUNDO

Cresce a economia egípcia

O crescimento econômico no berço da civilização, passa despercebido e o povo reclama o abandono

Por Danielle Baeza
dani.l.baeza@gmail.com

O Egito e sua história como um adormecido Estado socialista árabe, depois de quatro anos de forte expansão econômica, abraçou o mercado. Novas construções estão prontificando edifícios comerciais tão rápido quanto os nomes ocidentalizados que recebem, como Nile Hilton.

Companhias estatais sonolentas, que vão desde bancos a lojas de departamento, estão sendo vendidas para investidores privados e há uma enxurrada de capital estrangeiro no país, atraído pelo aroma do lucro certo.

Hoje, o Egito tem todos os sinais de estar crescendo. É estranho, portanto, que a

maioria dos egípcios pareça tão miserável.

“As condições de vida não são fáceis. Todos estão sofrendo por causa dos preços altos”, diz o cansado Hallem Abdul, dono de um restaurante no Cairo.

No pequeno restaurante de Abdul, há mais moscas do que clientes. “As pessoas estão evitando comer fora de casa. Se você viesse aqui dois ou três anos atrás, esse lugar estaria lotado, e os clientes tinham de fazer fila para conseguir uma mesa”, comenta apontando para as cadeiras vazias e suando ao calor extremo do meio-dia.

De acordo com o site The Global Business School, os direitos de alfândega do Egito diminuíram, abrindo mais portas aos mercados internacionais e estimulando os produtores nacionais.

As autoridades de segurança temem que o perigo da instabilidade, à medida que o auxílio popular para alimentos e energia são diminuídos, reduza o potencial de me-

lhorar a Longo prazo do padrão de vida.

Mesmo enquanto o governo recita estatísticas impressionantes, as queixas de Abdul ecoam entre os 80 milhões de cidadãos do país que sofrem sem compreender há anos. As reformas econômicas ambiciosas lançadas há alguns anos ganharam o aplauso dos empresários, mas fizeram pouco pelo povo em geral. A pobreza aumentou durante os últimos 10 anos apesar de um bom crescimento econômico. Essa bagunça leva a questionar se o governo será capaz de sustentar suas reformas num cenário visual de descontentamento crescente por parte dos trabalhadores e um clima generalizado de reclamações.

Os preços dos alimentos muito mais altos mundialmente apenas intensificam o dilema, enquanto o governo opta por aumentar os gastos com subsídios para o pão, que na verdade queria reduzir.

Acompanhando a situação de perto estão os investidores internacionais que investem milhões de dólares no país mais populoso do mundo árabe.

Os Estados Unidos foram a principal fonte de capital para o Egito, em torno de quase 40 anos.

Grandes corporações americanas como o Citybank, General Motors e Procter & Gamble têm grandes investimentos no país.

A localização do Egito, no meio de rotas de comércio que ligam a Ásia, o Oriente Médio e a Europa, é sua principal propaganda quando as autoridades do país se encontram com investidores em potencial. Até agora, o governo tem sucedido em competir contra companhias que procuram um lugar de exportação para os consumidores da África e do Oriente Médio, mas já perdeu para países de rápido crescimento como o Vietnã. ■